

# Sex: reverberaciones de los sentidos de una publicación fotográfica

## Artículo de investigación

Recibido: 9 de septiembre de 2024

Aceptado: 30 de octubre de 2024

**Daniela Nery Bracchi**

Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

bracchi@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3247-0202>

**Iollaus César Ferreira**

Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

iollausf@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-6676-7739>

—  
Cómo citar este artículo: Bracchi, D. N., Ferreira, I. C. (2025). Sex: reverberações dos sentidos de uma publicação fotográfica /Sex: reverberations of the senses of a photographic publication /Sex: reverberaciones de los sentidos de una publicación fotográfica. *Estudios Artísticos: revista de investigación creadora*, 11(18), pp.121-134.

DOI: <https://doi.org/10.14483/25009311.22665>



<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/deed.es>

## Resumen

Este artículo analiza las imágenes y los significados narrativos de una selección de fotografías del fotolibro *Sex* (1992) de Madonna. La metodología aborda el punto de vista semiótico, a través del cual buscamos rescatar significados presentes en diferentes fotografías de esta obra e identificar narrativas paralelas que la componen. Para ello, analizamos cuatro fotogramas de imágenes que despliegan el arco narrativo de la publicación, comprendiendo aspectos temáticos específicos narrados visualmente al lector.

## Palabras clave

Análisis semiótico; fotolibro; Madonna; narración visual; *Sex*

## Sex: reverberations of the senses of a photographic publication

## Abstract

This paper discusses the imagery and narrative meanings of a selection of photographs from Madonna's photobook *Sex* (1992). The methodology addresses the semiotic point of view, through which we seek to rescue meanings present in different photographs of this work and identify

parallel narratives that compose it. To this end, we analyzed four frames of images that display the narrative arc of the publication, comprising specific thematic aspects narrated visually to the reader.

### **Keywords**

Semiotic analysis; photobook; Madonna; visual narrative; Sex

### **Sex : réverbérations des sens d'une publication photographique**

#### **Résumé**

Cet article analyse les images et les significations narratives d'une sélection de photographies tirées du livre de photos *Sex* (1992) de Madonna. La méthodologie aborde le point de vue sémiotique, à travers lequel nous cherchons à récupérer les significations présentes dans différentes photographies de cette œuvre et à identifier les récits parallèles qui la composent. Pour ce faire, nous analysons quatre images qui déploient l'arc narratif de la publication, comprenant des aspects thématiques spécifiques racontés visuellement au lecteur.

#### **Mots clés**

Analyse sémiotique ; livre photo ; Madone; narration visuelle ; Sex

### **Sex: reverberações dos sentidos de uma publicação fotográfica**

#### **Resumo**

Este artigo analisa as imagens e os significados narrativos de uma seleção de fotografias do fotolivro de Madonna *Sex* (1992). A metodologia aborda o ponto de vista semiótico, por meio do qual buscamos resgatar sentidos presentes em diferentes fotografias desse trabalho e identificar narrativas paralelas que o compõem. Para isso, analisamos quatro quadros de imagens que desdobram o arco narrativo da publicação, compreendendo aspectos temáticos específicos narrados visualmente ao leitor.

#### **Palavras-chave**

Análise semiótica; fotolivro; Madonna; narração visual; Sex

### **Uraspa kaswaspa fotografia churaskata**

#### **Maillallachiska**

Kaipi munanakum kawachinga sug ruraikuna fotografías pangapi churaska tiaska (1992) de Madona kaipi munaku kawachinga, chasallata maskanga ima chingarikuskata kausachingapa churaspa pangakuna chasa mana wañungachu, chi nispa kaipi churaskakuna chusku fotogramas kawachingapa tukuikunata chasa iachangakunama imasa kausaikunam tiaska.

#### **Rimangapa ministidukuna**

Parlai allilla kawaspa; ruraikunata wakachiduru; Madona warmi; ñawikunawa kawaspa; chasa suti

## Introdução

Em outubro de 1992, quando Madonna lançou a publicação *Sex* e o álbum *Erotica*, percebeu-se desde as primeiras páginas, uma artista não apenas consciente do momento social que estava inserida, mas à frente dele. Em um cenário no qual a figura feminina era vista como objeto de desejo masculino e a AIDS era um tabu maior do que nos dias atuais, Madonna decidiu construir um caminho de representatividade e conscientização por meio de imagens. O impacto do *Sex* não se fez apenas por sua rebeldia e vanguardismo, e sim por uma densa e complexa escolha visual que torna sua narrativa extremamente interessante e deixa claro que não são apenas imagens eróticas compiladas para acompanhar o seu disco como um material extra, mas um trabalho que pode existir e contar sua história de modo autônomo. A publicação materializa a figura de Dita, tomada como heterônimo ou alter ego de Madonna. Uma personagem que se apresenta ao leitor enquanto possibilidade de encenação de situações que envolvem desejo e libertação sexual.

Sendo assim, o material de estudo deste artigo é a narrativa visual de *Sex*, publicação que será analisada com objetivo de trazer novos elementos para a compreensão da potência imagética e narrativa da obra. Isso porque, apesar das imagens terem circulado extensivamente de modo desconexo de seu contexto imagético, o livro tornou-se famoso e não é comum compreender *Sex* como uma narrativa visual.

Apesar da sequência não implicar na existência de uma narrativa, a intenção de *Sex* operar enquanto uma narrativa visual fica clara ao passar de cada página. Cromaticamente, a publicação se destaca na medida em que o preto e branco é utilizado sempre para retratar o arco narrativo principal, enquanto as cores são as quebras, os destaques. Além das imagens, o livro contempla textos verbais que, em alguns momentos, aparecem ao lado das fotografias e em outros se fundem a elas mostrando que tudo é um grande devaneio da personagem Dita. A equipe técnica responsável pela publicação inclui profissionais famosos, como o fotógrafo Steven Meisel.

O legado do *Sex* é duradouro. Com pouco mais de 30 anos ele continua intocado em termos do quão longe uma artista pop tem coragem de ir para ilustrar suas ideias, mas também não cansa de se provar como pioneiro e ato libertador para muitas que vieram após Madonna. Ainda considerando seu tempo de vida, o *Sex* continua no papel de idealização, frequentemente referenciado, mas até o momento não replicado. A rede de influência dele é grande o suficiente para se tornar difícil de mensurar e quaisquer menções seriam apenas uma fragmentação do quadro total. Superando sua temática, o *Sex* também pode ser considerado um precursor do que hoje chamamos de álbum visual, se levarmos em consideração que as fotos foram a forma escolhida para tornar visual as histórias também contadas nas músicas do *Erotica*.

Considerando esses aspectos, o artigo aqui presente propõe-se a fazer uma análise qualitativa de natureza crítica-dialética a fim de compreender a narrativa visual por trás do *Sex*. Essa análise usa como base os estudos de Gemma Penn apresentados no capítulo *Análise Semiótica de Imagens Paradas*, presente no livro *Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som*. Penn nos apresenta um método de análise que inicia na escolha das imagens, ponderando que tal ação deve considerar a disponibilidade do material, o objetivo da análise e quão profunda ou extensa ela poderá ser (Penn, 2007).

Após a escolha do material de análise, inicia-se o processo de identificação dos principais elementos da imagem. Esta é uma etapa que deve ser minuciosa, na qual deve-se listar todos os elementos e não apenas os que reafirmam a linha de análise escolhida. Esse também é conhecido como estágio denotativo da análise.

Já a terceira etapa desse método parte do inventário denotativo para analisar as imagens de forma conotativa. O objetivo dessa etapa é tanto tentar entender a relação desses elementos entre si, como também buscar as significações subconscientes, uma vez que estabelece as possíveis relações temporais e sociais presentes nas imagens. Busca-se, portanto, levantar quais sensações e sentimentos são despertados no espectador dessas imagens. É com base nessa

metodologia e nessas três etapas que vamos analisar uma amostragem do livro *Sex*, divididos por imagens que apresentam quadros de imagens com o objetivo de discutirmos algumas temáticas paralelas apresentadas no decorrer da narrativa. A escolha das imagens a serem consideradas se deu a partir da identificação de um arco narrativo na publicação, que nos leva a observar em profundidade os momentos mais significativos para a construção do sentido da publicação.

## 1. Contexto da obra

A década de 1990 foi uma década de crescente representação da sexualidade na cultura pop, em especial na música e no cinema. Outros artistas além da Madonna contribuíram para a temática nessa década, como Janet Jackson (em trabalhos como *Janet*) e Prince (nos álbuns *Diamonds and Pearls* e *Cream*). No cinema podemos citar como exemplos de representação da temática os filmes *Wild Things* e *Showgirls*.

O contexto social de 1992, ano que o álbum foi lançado, chama a atenção. Ainda na sombra do auge da pandemia da AIDS, o *Erotica* serviu como escapismo também para os ouvintes, um local onde o sexo pode ser debatido de forma livre e segura, sem os riscos, incertezas e julgamentos da época. Apesar de ser uma temática que estava sendo debatida em diferentes frentes da cultura pop, o *Erotica* e o *Sex*, tiveram uma recepção mista não apenas pela parcela mais conservadora da sociedade, mas também por parte do movimento feminista da época que considerou que o trabalho contribuiu para a objetificação e hipersexualização da imagem feminina.

Vale ressaltar que essas não foram as primeiras, nem as últimas, críticas que Madonna recebeu por parte de representantes do feminismo. A relação de antagonismo entre o movimento feminista e significações sexuais que Madonna trazia para sua carreira e trabalhos foi melhor debatida e analisada por Camille Paglia em seu livro de ensaios *Sex, Art, and American culture: Essays*, no qual a autora explora parte das críticas que Madonna recebe. Além disso, Paglia (1992) defende que Madonna, com seu posicionamento

confortável mediante a sexualidade feminina e o nível de influência entre as jovens, melhor representava o futuro do feminismo. Esta outra parte do movimento feminista entendeu que o trabalho de Madonna, incluindo *Sex*, foi importante para a quebra de tabus e contribuiu nas temáticas de empoderamento feminino, uma vez que coloca em foco o desejo feminino.

Anos após seu lançamento, o álbum continua sendo analisado e o coro de pessoas que entenderam a mudança social que o álbum representou cresce, como vemos na análise de Joe Lynch em sua matéria em comemoração aos 25 anos do álbum em 2017: “Madonna pode ter abordado o olhar masculino anteriormente, mas no *Erotica*, ela não está apenas encarando de volta - ela está tornando o mundo seu submisso” (Lynch, 2017, s.p., tradução nossa).

Do ponto de vista comercial, a era do *Erotica*, apesar de muito exitosa, teve um desempenho menor que o esperado, conseguindo a segunda colocação no *Chart Hot200* da revista Billboard. Um desempenho abaixo da primeira colocação de Madonna nos seus álbuns anteriores, que, apesar de sempre provocativos, não tinham ido tão a fundo na temática sexual. Porém, considerando os aspectos sociais da época e uma recepção mista de diferentes camadas sociais, a Madonna com um somatório que incluía uma carreira já estabelecida, um trabalho alavancado por polêmicas e curiosidade da grande massa, consegue números como vendas estimadas em 6 milhões de cópias. O lançamento desse álbum foi seguido por seis singles, sendo eles: *Erotica*, *Deeper and Deeper*, *Bad Girl*, *Fever*, *Rain* e *Bye Bye Baby*.

Sobre o *Sex*, é interessante saber que ele foi criado no mesmo período do *Erotica*, e não um produto extra ou secundário do álbum. Em alguns pontos, o *Sex* foi responsável por uma completa transformação no *Erotica*, inspirando novas letras e mudando a forma como Madonna iria seguir a narrativa dessas músicas a partir desse momento, assim como Shep Pettibone (compositor e produtor do álbum) comenta em seu *Erotica Diaries*:



Imagem 1. *Embalagem do Sex*  
(adaptado de Madonna, 1992).

Mas a essa altura eu tinha visto o livro e me veio uma ideia interessante. “Você tem todas essas ótimas histórias no livro”, eu disse a ela, “Por que não as usa na música?” Eu sabia que Madonna estava desenvolvendo uma dominatrix da década de 1930, mas eu não tinha percebido quão longe ela estava disposta a ir até eu ver o *Sex*. Contendo história da sua misteriosa alter ego, Dita. Madonna pegou o livro e saiu da sala e não voltou por cerca de meia hora. De repente ela estava no microfone, falando em uma voz bastante seca. “My Name is Dita,” ela disse, “and I’ll be your mistress tonight”. Eu sabia que o *Erotica* original não seria mais o mesmo, e não foi. O refrão e a ponte foram alterados completamente, e toda ambiência da música se tornou mais sexy, mais direta. É como se Dita tivesse trazido à tona o melhor nela, servindo como veículo para o território perigoso que ela estava viajando. Na verdade, esse era o mesmo nome que Madonna usava quando ela ficava em hotéis ao redor do mundo. Não mais. (Pettibone, 2021, s.p., tradução nossa)

Apesar de toda controvérsia em volta do lançamento do livro que envolvia o debate do uso de imagens explícitas e até mesmo o banimento em países como o Japão, a publicação foi considerada um sucesso comercial, tendo vendido 150.000 cópias no seu dia de estreia apenas nos Estados e esgotando sua tiragem inicial de 1,5 milhões de cópias em três dias ao redor do mundo. Também entrou na lista de *Best Sellers* do New York Times e posteriormente ganhou o título de livro de mesa mais vendido de todos os tempos.

## 2. O Fotolivro *Sex* e seus Elementos Visuais

Apesar de sempre ser importante entender o período histórico de surgimento de uma obra analisada, é possível imaginar o *Sex* sendo lançado nos dias atuais e ainda gerando uma gigantesca repercussão e alto volume de críticas. É inegavelmente um trabalho vanguardista que respinga referências até os dias atuais. Sobre as especificações técnicas do *Sex*, ele tem o tamanho de 29,85 x 35,56 cm, conta com





Imagem 2. Capa e Contracapa do Sex (adaptado de Madonna, 1992).

124 páginas e aproximadamente 104 imagens (incluindo fotografia e artes tipográficas). O cuidado percebido em *Sex* enquanto artefato se dá não só em seu conteúdo interno, como também na sua capa e embalagem (*imagem 1*).

Embalado em uma folha de mylar refletiva, o que podemos considerar um material pouco convencional para a embalagem de um livro, e com uma versão estendida da fotografia de capa do álbum *Erotica* impressa, no primeiro contato conseguimos entender que não só a Madonna estava disposta a doar o seu rosto para a temática retratada, como é possível atestar a correlação entre ambos os trabalhos (*Erotica* e *Sex*).

A fotografia impressa traz o rosto da Madonna (ou Dita) um pouco de lado, com os olhos fechados e boca aberta. O cabelo está amarrado, tingido de um loiro claro. Toda a imagem é impressa em duotone de preto e azul e com poucos contrastes, trazendo a atenção do leitor para a boca e os olhos, ou seja, para a expressão facial dela. A maquiagem é simples, para reforçar as áreas de destaque. O olho está maquiado com sombra no côncavo e delineador. Nos lábios, o batom não é escuro, mas não é possível identificar a cor real devido ao método de impressão. Considerando os títulos do material e sendo reforçado pelas

imagens que iremos analisar, a feição de Madonna apresenta uma sensação de prazer, o que é bastante condizente com a narrativa que vai ser apresentada no decorrer da obra. De modo geral, a imagem é muito mais sobre contornos, o que a torna também uma imagem misteriosa.

A embalagem traz um presságio do livro. Dentro dela está presente um projeto gráfico denso e altamente artístico que combina tipografia, textos, imagens, efeitos e diversos truques visuais para compor a narrativa. A maioria dos textos presentes no *Sex* são curtos, sem uma linearidade óbvia e incrementando com letras das músicas do *Erotica* e outros textos como diálogos e frases de efeitos. Já as imagens constituem a majoritariedade dessa narrativa e, para um melhor aproveitamento e aprofundamento do texto deste artigo, vamos focar nas fotografias, deixando para futuros trabalhos a possibilidade de se aprofundar nas também ricas peças tipográficas e colagens desse livro.

### 3. Capa e Contracapa

A capa e a contracapa de *Sex* seguem escolhas pouco convencionais, são de alumínio e possuem gravação em baixo relevo. Na capa encontra-se

marcado o título *Sex*. Na contracapa, existe a gravação do símbolo do projeto na cor dourada (O livro quase foi chamado de *X*) e uma sequência numérica na base. Ambos os itens unem o miolo do livro com uma simples encadernação espiral - que é provavelmente o elemento mais corriqueiro de todo conjunto dessa obra.

Em contrapartida a todos os elementos posteriores que serão apresentados, a capa soa minimalista e misteriosa, sendo um dos elementos mais difíceis de compreender da obra por fugir do óbvio e, sendo assim, difícil de acreditar que essa não foi uma escolha bastante pensada. Colocando nos dias de hoje, quão seria repercutido se Lady Gaga, ou qualquer outra cantora pop que espelhou sua carreira naquela de Madonna, decidisse lançar um livro onde se encontra parcialmente ou completamente nua em quase todas páginas da publicação? Quantos grupos sociais iriam concordar, discordar, ofender-se ou criticar a decisão? Quantas pessoas fariam que Madonna estava desesperada por atenção? Quantos líderes religiosos se pronunciaram demonizando o ato? Em quantos países essa obra seria censurada? Pensar todos esses pontos nos leva apenas a começar a imaginar o nível da polêmica que a publicação causou. O *Sex* foi publicado há mais de 30 anos e esse detalhe potencializa muito o nível de polêmica gerada ao seu redor. A internet não era acessível e, ao invés de ser "cancelada", Madonna foi assediada em inúmeras premiações, aparições públicas e até mesmo entrevistas. Todas as 'filhas da Dita' que nasceram em décadas posteriores foram uma versão mais contida. Mesmo na era do OnlyFans<sup>1</sup> é difícil imaginar que uma Diva pop com a mesma magnitude que Madonna tinha na década de 1990 (se é que temos alguma atualmente), teria a coragem de repetir o ato.

Citar todos esses detalhes vai nos ajudar a entender não apenas a capa e a contracapa, mas também as próximas imagens a serem analisadas. Todas as imagens e textos do *Sex*

foram considerados chocantes para boa parte do público da década de 1990 e parece oportuno escolher uma capa em um material que emite significações de força e resistência. Parece que uma capa comum não seria o suficiente para guardar os segredos da Dita.

### 3.1. Arco Narrativo - Uma jornada de autodescoberta

O fetichismo teve um papel muito importante para a viralização do *Sex* e do *Erotica* no momento dos seus lançamentos. E analisar essas imagens soltas da forma que a maior parte do público fez só contribui para essa visão - não errada, mas simplista - da história. Buscando um maior aprofundamento, observamos quatro momentos importantes na narrativa do *Sex*, ilustrados na figura abaixo (*imagem 3*).

A imagem 1 da *imagem 3* está na página 7 da publicação, a imagem 2 está na página 31, a *imagem 3* está na página 77, enquanto a imagem 4 está na página 115. Esses são quatro momentos de destaque na evolução da narrativa que parte de uma visão de fetiche, submissão, domínio, autodescoberta e liberdade. A Dita representada na quarta imagem passou por um processo de transformação e autodescoberta que a transformou do papel fetichizado da primeira fotografia. Essa Dita que provou dos seus mais diversos desejos, mas que no meio do processo se encontrou fascinada por si própria, conclui sua história de volta às ruas, de volta ao urbano e à sociedade. A quarta imagem, vista no momento certo, parece ser muito mais sobre ela estar no local que quer e do jeito que deseja. A fotografia ao final da narrativa do *Sex* parece também ser sobre liberdade.

Como modo de aprofundar a análise, podemos nos deter melhor em cada uma das quatro imagens presentes na *imagem 3*. Começando na imagem 1, ela é uma fotografia em preto em branco da Dita, que se encontra sozinha nessa foto. A imagem se apresenta relativamente próxima, apresentando o corpo dela enquadrado da coxa para cima, sentada em um banco redondo e com as pernas abertas. Ela usa o cabelo curto, claro e modelado, em um penteado próximo ao que vimos tantas

<sup>1</sup> Rede social criada para comercialização de postagens como vídeos ou textos. A ideia principal da rede é a disponibilização de conteúdo exclusivo para assinantes. Pela característica de acesso restrito a assinantes, a rede ficou popular pela publicação de conteúdo adulto.

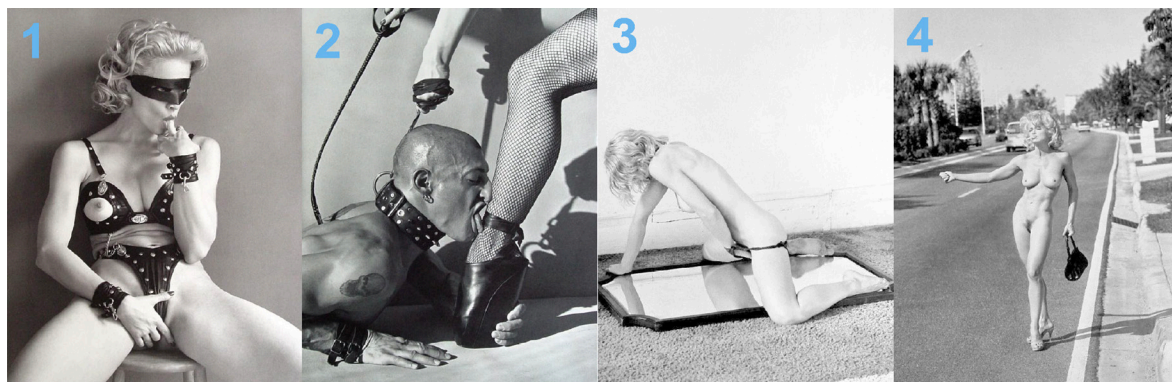


Imagem 3. Seleção de imagens do *Sex* que apresentam o arco de autodescoberta da Dita (adaptado de Madonna, 1992).

vezes em Marilyn Monroe. Como figurino, a Dita usa peças de couro preto com spikes e correntes: uma máscara, uma calcinha, um sutiã e duas pulseiras (uma em cada braço). Seu sutiã é vazado na região do mamilo, deixando seu seio exposto. A Dita chupa o dedo médio da mão esquerda enquanto segura sua região genital com a mão direita.

As peças de couro preta foram escolhidas para abertura do primeiro arco narrativo, que é muito focado no sadomasoquismo; A pose relaxada e os gestos feitos com ambas as mãos apresentam uma predisposição, ou até mesmo antecipação para o que vem a acontecer. O fato da Dita também ser a primeira personagem a aparecer na narrativa e estar sozinha nessa fotografia, demonstra seu protagonismo logo nesse primeiro momento de contato do leitor com a publicação.

Seguindo a análise em direção à imagem 2, percebe-se mais uma fotografia em preto e branco. Dessa vez, são duas pessoas sendo representadas parcialmente. A imagem representa a perna esquerda da Dita em uma sapatilha de ponta com salto, meia arrastão e um chicote na mão direita, enquanto segura com a mão esquerda uma coleira que se encontra no pescoço da figura masculina da imagem. O segundo personagem da fotografia se encontra deitado no chão. No enquadramento da imagem cabe a parte superior do seu corpo e - da metade das costas para cima - ele se encontra de perfil, com o lado direito do seu corpo para a imagem. Este personagem é calvo, utiliza uma

pulseira de couro no braço esquerdo, dois brincos de argola pequenos e uma tatuagem de caveira na parte superior do braço direito. Ele performa uma ação e lambe a perna da Dita.

Essa imagem funciona como um demarcador importante na narrativa, pois é uma das primeiras que coloca Dita no papel de dominadora. Nesta fotografia, vemos a figura masculina aos seus pés, o que já a coloca num papel de superioridade. Fora isso, outros demarcadores do seu controle nessa cena seriam o chicote e a coleira. Para ressaltar ainda mais a submissão do personagem masculino da imagem, ele é representado lambendo a perna da Dita.

Opondo-se ao início da narrativa que parece ser muito criado para uma performance, a Dita se encontra nesta terceira imagem da *imagem 3* livre do figurino presente no início da narrativa. Despida de peças de couro e acessórios fetichistas, ela está em um ambiente claro, com os cabelos soltos, claros e curtos, vestindo apenas uma calcinha. O chão é de carpete e nele está deitado um espelho. Por cima deste elemento, encontra-se Dita de joelhos, inclinada para observar o seu reflexo, com o braço direito apoiado no chão e com a mão esquerda simulando uma masturbação.

Voltando para uma imagem solitária, Dita continua com suas aventuras sexuais, mas agora o foco é conhecer a si mesma. Podemos considerar que o fato mais interessante dessa imagem é Dita não estar simplesmente se masturbando, mas



fazendo isso por cima de um espelho, em uma posição onde é possível que ela tenha uma visão completa de si durante o ato. Outro marcador importante é a inexistência de peças de couro. O sadomasoquismo parece ter sido superado nesse momento da narrativa, deixando de lado a correlação entre dor e prazer e substituindo o mesmo por autoconhecimento e prazer.

Já na última imagem da *imagem 3*, a cena é novamente representada em preto e branco. Dita se encontra de corpo inteiro, nua, calça um sapato de salto, leva um cigarro na boca, porta uma bolsa na mão esquerda e faz um gesto para pedir carona com a mão direita. O ambiente é diurno, aberto e a personagem se encontra numa via asfaltada. No plano de fundo da imagem é possível ver carros, o que significa que se trata de uma rua movimentada. Sua pose parece estar relaxada, o cabelo continua claro, curto e arrumado num penteado que parece ser um meio termo entre as imagens 1 e 3 já analisadas da mesma *imagem 3*.

Todas as imagens anteriores da narrativa parecem caminhar exatamente para esse momento, que é a demarcação do resultado de todas essas histórias anteriormente contadas. Enquanto as aventuras representadas nas páginas anteriores se passavam em ambientes que aparentavam ser isolados e distantes do social ou na companhia exclusiva de pessoas que compartilharam desses desejos com ela, agora, nessa imagem, Dita se põe nua e livre em meio à sociedade. É um ambiente externo e cotidiano e a personagem não parece envergonhada com isso, ao contrário, aparenta estar livre e confiante. A imagem exhibe tematicamente uma contraposição entre o natural expresso por seu corpo nu e o construído culturalmente materializado nos demais elementos do cenário da imagem.

*Sex* parece flertar com diversas narrativas paralelas, mas as quatro imagens separadas representam os momentos narrativos mais importantes. A Dita inicia sua história completamente imersa no sadomasoquismo, mais especificamente no papel de submissa. Essa submissão se repete em diversas imagens na primeira parte da narrativa, mas é quebrada com a primeira mudança de arco narrativo. Dita agora se

apresenta no papel de dominadora e protagoniza em diversas imagens o controle das ações, não a vemos mais amarrada. É perto da terceira imagem que vemos uma nova mudança narrativa, quando Dita começa a analisar seu próprio corpo em cenários escuros. Em diversas imagens faz isso só, mas não em todas. As peças de couro e adereços de sadomasoquismo foram superados e retornam à narrativa apenas simbolicamente na última imagem do livro. Já a quarta imagem é a apoteose do *Sex*, é a Dita nua no meio da rua pedindo carona. Após a autodescoberta alcançada através de suas experiências anteriores, Dita segue sua história sem amarras sociais e/ou literais.

### **3.2. Os elementos naturais e sua ligação com a autodescoberta da Dita**

A evolução da narrativa utiliza elementos do cenário para expressar os diferentes sentidos da jornada de autodescoberta de Dita. Em um momento da história, sua relação com o sexo se torna mais voltada para si, para se explorar e se descobrir. As cenas capturadas pelas imagens se tornam, com mais frequência, imagens dela sozinha, completamente nua e rodeada de elementos naturais como ar, água e terra. Essa aproximação com a natureza no processo de autodescoberta e autoanálise são representadas nas três imagens dessa figura abaixo (*imagem 4*). A imagem 1 está na página 69, a imagem 2 está na página 84 e a imagem 3 está na página 90.

A imagem 1 é uma fotografia preto e branca, com a Dita centralizada na imagem. Ela se encontra na beira de uma piscina, escorada de costas sobre um chafariz em formato de peixe. Posiciona-se nesse chafariz de uma forma que parece que a água lançada por ele está na verdade saindo dela. Na imagem Dita está completamente nua, novamente com os cabelos claros, mas dessa vez molhados. As imagens que seguem essa peça exploram uma perspectiva de autodescobrimento. A Dita, nessas imagens, muitas vezes se coloca frente a espelhos, mas também se insere em cenários naturais. A imagem 1 inicia um momento muito importante para a narrativa do *Sex*, apresentando uma Dita muito mais próxima de si própria e da natureza.



Imagem 4. Imagens do Sex nas quais Dita em ambientes naturais (adaptado de Madonna, 1992).

Seguindo para a imagem 2 da *imagem 4*, vemos Dita centralizada na fotografia, suspensa pelos braços por um guindaste que a posiciona acima do mar, completamente nua. No fundo da imagem só é possível ver o céu. Essa fotografia está com um filtro monocromático azul e a personagem tem os cabelos claros, curtos e seu olhar se dirige para as alças do guindaste.

Apesar de ser uma imagem tomada com um enquadramento fechado, a expansão dos elementos como o céu e o mar fazem com que o cenário se torne muito maior no momento que vemos a fotografia. Estar solta no meio desses elementos também reforça a proximidade desse momento narrativo com a água e com elementos naturais diversos. Nesse ponto da narrativa, Dita parece estar completamente envolvida no ambiente natural durante seu processo de autodescoberta. Porém, sua expressão e a posição escolhida expressam a ideia de que nem sempre esse processo vai ser confortável ou seguro.

Já a terceira imagem da *imagem 4* traz Dita em um cenário de grama e árvores. O filtro da fotografia é um amarelo monocromático, muito próximo a um sépia. Dita se encontra em primeiro plano, sem utilizar nenhuma roupa, mas com uma sandália de estilo gladiadora branca. Ela está próxima do tronco de uma árvore, tocada pela sua mão

esquerda. Nesse momento, o cabelo está preso em duas partes e o rosto está de perfil, mas seu olho está mirando a câmera ao mesmo tempo que expõe a língua.

A imagem 3 do *Sex* utiliza de uma monocromia diferente da maior parte do livro, que é composto majoritariamente em tons azuis. A oposição entre o tom quente desta fotografia e o contexto maior do livro que é de tons frios cria uma contraposição visual deste momento da narrativa com as imagens anteriores apresentadas nesse arco narrativo. Isso se dá não no sentido de desmentir o que está sendo contado anteriormente, mas na perspectiva de trazer um cenário diferente dos anteriores.

Neste ponto da narrativa, Dita continua muito próxima à natureza, mas dessa vez longe da água e próxima à terra. O foco nos troncos e sua aparência que sugere infantilidade, evocando a possibilidade de uma análise também do seu passado. O contexto maior para essa interpretação é o de que a volta à infância no contexto da descoberta sexual é representada anteriormente na narrativa por meio de outras fotos e textos.

O arco narrativo apresentado na *imagem 4* reforça e se aprofunda no ponto narrativo da terceira imagem da *imagem 3*. Todas as fotografias apresentadas nesta imagem 3, e também as

que ficaram de fora da análise, carregam uma proximidade com a natureza, que aparece nas figuras da água, praia e árvores. Dita parece reconhecer que sua imagem, e de certa forma a sua humanidade, também fazem parte da natureza. Analisar por esse ponto de vista nos faz refletir sobre um processo de naturalização dos desejos sexuais. Afinal, eles também fazem parte da natureza, assim como o ar, a água e a terra.

### **3.3. A fusão entre o masculino e feminino**

A dinâmica de sexualidade e gênero é mais um dos temas das narrativas paralelas adicionadas ao *Sex*. Vale ressaltar que esta publicação foi uma das responsáveis pela popularização do termo pansexualidade, sendo este um dos primeiros descritores evocados quando a narrativa da Dita no *Sex* vai ser apresentada. Três momentos importantes da publicação que fletam com a ideia de uma não-binariedade são representados nas fotografias da imagem abaixo (*imagem 5*). A imagem 1 está na página 44, a imagem 2 está na página 80 e a imagem 3 está na página 101.

As fotografias mostram diferentes momentos nos quais o tema do gênero é trazido à tona de maneira mais específica. Para uma melhor identificação dos personagens dessas cenas, iremos utilizar uma caracterização binária, também como forma de acentuar os contrastes de gênero dessas imagens.

A imagem 1 é uma fotografia em monocromia verde que apresenta Dita e seu companheiro de cena sentados numa cama de lençóis brancos. Dita está posicionada de costas para a lente, segurando o rosto desse outro personagem com a mão esquerda, enquanto passa o batom nele com a mão direita. Ele segura o próprio cabelo com ambas as mãos e possui um cigarro em sua mão esquerda. Dita usa uma camisola branca e seu cabelo curto e claro modelados com as pontas enroladas. O outro personagem da cena não parece estar vestindo nenhuma roupa, mas se encontra coberto, expondo apenas a parte superior do corpo.

O foco dessa imagem está no ato da Dita passar batom no personagem masculino da fotografia. Esse comportamento contrapõe um padrão de gênero e inicia mais uma narrativa paralela na história do *Sex*. Trata-se de uma passagem da narrativa que se interconecta com o tema da autodescoberta e a forma que a ação é representada reitera esse argumento. Dita aparece como protagonista da ação, enquanto suas mãos controlam o quadro a ser trabalhado (o rosto) e tomam posse do objeto transformador (o batom). A imagem parece demonstrar um momento de reflexão, uma vez que a captura é após o batom já ter sido aplicado e ambos os personagens parecem estar confortáveis nesse momento.

Na imagem 2 nos é apresentada uma fotografia em preto e branco que traz o personagem masculino em evidência. Ele está centralizado na imagem e sentado na cama, com um cigarro na boca e os braços cruzados acima da cabeça, expondo seu peitoral. A imagem deixa exposta apenas a parte superior do seu corpo e um espelho é segurado frente a seu peito esquerdo. No reflexo desse espelho é possível ver o seio da Dita que aparece levemente no canto direito da imagem através de fios de cabelo claros.

A segunda imagem aparece algumas páginas depois daquela da *imagem 5*. Porém, é possível perceber que ambas parecem ter sido capturadas no mesmo momento, uma vez que o ambiente e os personagens são os mesmos. Dessa vez, o homem não aparece com o batom, mas continua com o cigarro presente na imagem 1. A dinâmica visual de reflexão do corpo desse personagem que anteriormente se fez pela aplicação do batom, agora é apresentada com a projeção de um reflexo frente ao mesmo. Dita mais uma vez parece ser a figura ativa da ação aqui representada e agora o processo parece ser de visualização do feminino no masculino. Essa imagem 2 em específico aparece logo no início da terceira etapa do arco narrativo, no momento em que Dita começa a olhar muito para si. Nesse contexto, a ação dessa imagem também parece ser uma tentativa de visualizar a si mesma em outro corpo. Porém a perspectiva dela fazer isso em um corpo dito como masculino, aponta uma fusão de gênero



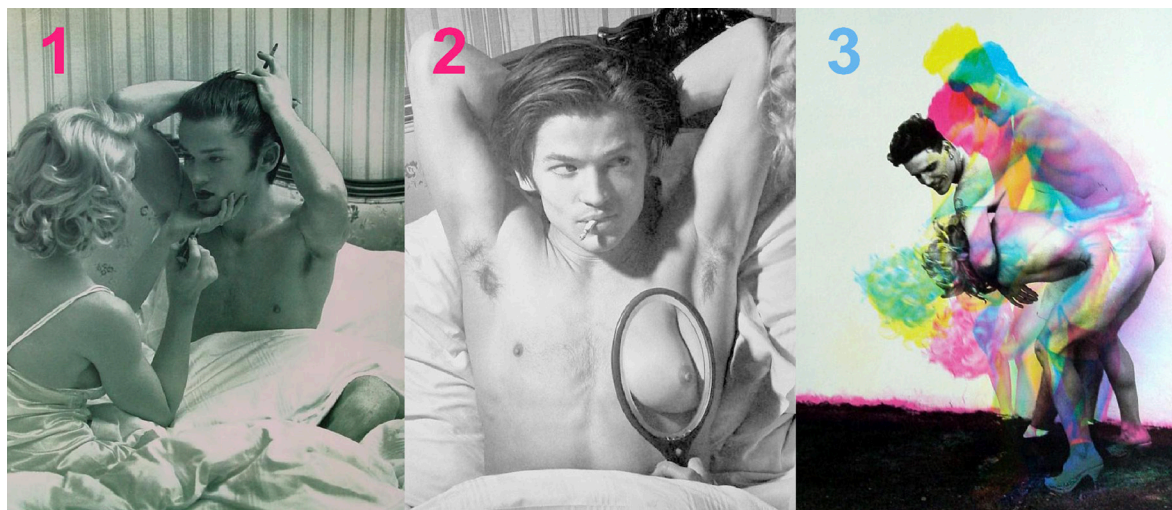


Imagem 5. Seleção de imagens do *Sex* que dialogam com o tema do gênero (adaptado de Madonna, 1992).

que vai ser mais explicitamente apresentada na próxima imagem.

Já a imagem 3 expressa novamente Dita acompanhada de outro personagem masculino. A imagem é majoritariamente em preto e branco, mas apresenta a silhueta de ambos se repetindo em diferentes cores (amarelo, ciano e magenta) e posições. Ambos estão envolvidos em algum tipo de brincadeira ou luta onde seus corpos, juntos ao efeito de repetição, parecem se unir. Um deles usa salto alto e outro usa um sapato social preto e meia branca. Porém, devido a sobreposição da silhueta deles, é difícil identificar qual dos dois está usando cada uma dessas peças.

Enquanto as imagens anteriores desta *imagem 5* apresentam como característica a monocromia, a terceira imagem utiliza da pluralidade de cores para construção de uma nova visão entre os corpos/gêneros. A multiplicação de silhuetas em diferentes posições, todas sobrepostas, traz uma fusão desses corpos que nos faz, enquanto espectadores, questionar quais dos personagens usa o salto alto e qual sapato social, quem está segurando quem. A forma apresentada nos faz entender que esses não são detalhes importantes, a fotografia é caótica de forma proposital. Esses corpos devem ser vistos como um só e, dessa forma, em frequente processo de mudança.

Voltando à temática da pansexualidade citada no início deste tópico, a Dita, enquanto personagem pansexual, não considera o gênero do seu parceiro ou parceira como fator determinante para desenvolvimento de um interesse sexual. Adicionar ao *Sex* uma narrativa que brinca com a quebra de padrões de gênero e questiona as diferenças por meio de uma representação visual da não-binariedade são atos que se somam significativamente à narrativa principal da obra, entrecruzando os temas do sexo e do gênero.

### 3.4. O fim das aventuras da Dita

Assim como foi debatido anteriormente no início da análise das imagens de *Sex*, o final da narrativa visual mostra uma mudança de comportamento por parte da Dita. O contraste com a apresentação inicial é nítido e as duas fotografias apresentadas a seguir na *imagem 6* indicam o processo evolutivo da narrativa. Ambas imagens representam tanto Dita em sua nova forma, como também o abandono dessas aventuras sexuais que foram ilustradas. A imagem 1 está na página 115 e a imagem 2 está na página 120.

A imagem 1 da *imagem 6* já foi anteriormente analisada de forma denotativa e conotativa. Sendo assim, nesse momento do texto, vamos



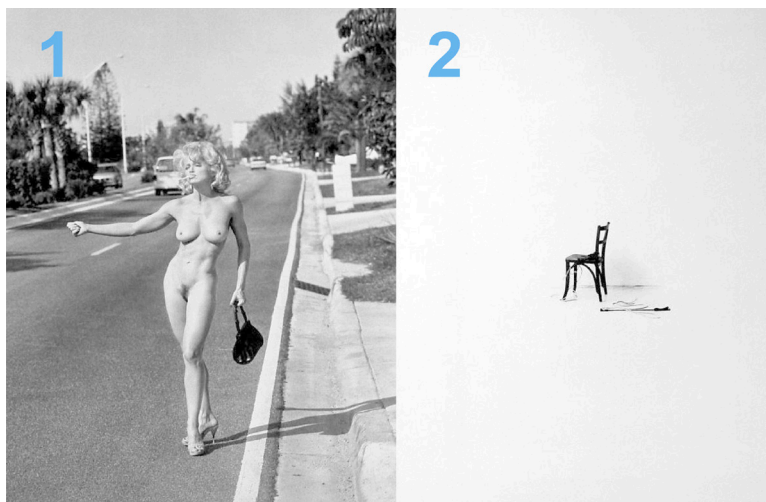


Imagem 6 - Seleção de imagens do *Sex* que apresentam o fim da narrativa (adaptado de Madonna, 1992).

discutir a mesma em conjunto com a imagem 2 da *imagem 6*. Esta segunda fotografia retrata, preto e branco, uma cadeira de madeira em um ambiente de estúdio totalmente. O móvel encontra-se centralizado na imagem, não muito próximo e posicionado de lado. Em cima da cadeira é possível ver peças de couro e no chão, perto da cadeira, um chicote. Não existe a presença da Dita nessa imagem e esta é a última fotografia do *Sex*.

Anteriormente, ao analisar a imagem 1 nesse texto, falamos sobre a representação de uma superação do fetichismo e do sadomasoquismo por parte da Dita. A adição da imagem 2 no contexto dessa análise reforça esse argumento. Os objetos jogados na cena passam uma ideia de abandono e superação, mas também de encerramento. É importante lembrar que a narrativa inicia com Dita sentada e utilizando peças de couro, mas no papel de submissa. Já durante a evolução da narrativa, ela conquista o chicote e vemos a mesma no papel de dominadora. Para, em seguida, iniciar um processo de autodescoberta que é concluído na representação da Dita livre da imagem 1 da *imagem 6*, ideia essa que é reforçada na junção dessas fotografias.

Os mesmos elementos são colocados no início e no final da narrativa, mas com diferenças bastante

importantes: Dita segue sendo vista parcialmente ou completamente nua, mas não mais com adornos que remetem ao sadomasoquismo. Esses elementos são abandonados na imagem 2, mas sem a presença da Dita. A mensagem final dada ao leitor é a de que as aventuras da Dita representadas nesse compilado fotográfico criaram uma mudança permanente na personagem. Tal mudança a leva de volta ao convívio social, enquanto deixa outros elementos guardados nas páginas do *Sex*.

## Considerações Finais

Para fazer justiça aos trabalhos posteriores que foram inspirados pelo *Sex* seria necessário outro -e provavelmente mais de um- artigo. Até os dias atuais é comum encontrar reverberações da Dita na cultura pop. Apesar de não ser objetivo deste texto compilar uma seleção de trabalhos que foram inspirados no *Sex*, podemos citar as cantoras Duda Beat, Miley Cyrus e Slayyyter. Três personalidades que, apesar de fazerem parte da indústria musical, não parecem coexistir no mesmo universo de referências. Mas seus trabalhos mais recentes, no ano de 2023, exibem diversas similaridades e referências à Dita.

Apesar de não estar isento de críticas e debates em relação a temas e discursos que não envelheceram tão bem quanto suas fotografias, *Sex* é uma publicação potente e que reverbera ainda em nossos tempos. Destaca-se não só por suas fotografias, mas também enquanto personificação de discussões sobre gênero e desejo sexual que se materializam em elementos visuais os quais restam a ser explorados na complexidade visual e narrativa das bordas, das artes tipográficas e das colagens presentes na publicação.

O impacto da obra é tamanho que ela acaba frequentemente retornando a um papel de referência sempre que são discutidos temas de empoderando feminino, liberdade e autodescoberta sexual. Por isso, a análise semiótica de diferentes momentos dessa narrativa se mostrou oportuna como forma de transcender as significações superficiais que as imagens do *Sex* conquistaram nessas décadas de existência, quando foram exibidas fora do contexto narrativo a qual foram idealizadas. Através dessa análise, foi possível reconhecer a intencionalidade aplicada por trás da escolha dessas imagens, sendo possível identificar não só uma narrativa principal, mas diversas narrativas paralelas que contribuem para a história como um todo. Também esperamos que a análise tenha apresentado de forma justa o *Sex* para aqueles que não o conheciam, além de convidar aos que já conheciam a discutir essas imagens por meio de novos olhares.

## Referências

Lynch, J. (2017). Madonna's 'Erotica' Turns 25: An Oral History of the Most Controversial '90s [Pop Album]. *Billboard*. Disponível em: «<https://www.billboard.com/music/pop/madonna-erotica-album-sex-book-oral-history-8006663/>». Acesso em: 22 mar. 2023.

Madonna. (1992). *Sex*. 1ª ed. Nova Iorque: Warner Books.

Paglia, C. (1992). *Sex, Art, and American Culture: Essays*. 1. ed. Nova Iorque: Vintage Books.

Penn, G. (2007). Análise semiótica de imagens paradas. In: Bauer, M. W.; Gaskell, G. *Pesquisa Qualitativa com Texto Imagem e Som*. Petrópolis: Vozes.

Pettibone, S. (s.d.) *Erotica Diaries*. *Shep Pettibone*. Disponível em: «<https://www.sheppettibone.com/erotica-diaries/>». Acesso em: 20 fev. 2023.

Souza, S. (2015). Erotismo e Sexualidade: A (Des) construção do Feminino ao longo de um Século. *Revista Escrita*. Disponível em: «<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/25036/25036.PDF>». Acesso em: 22 mar. 2023.